

¹ Recomendamos algumas resenhas e discussões da literatura sobre o assunto: Araújo, T. P.; Souza, A. V. & Xavier, J. D. *A pequena produção urbana*, uma proposta conceitual. Trabalho apresentado ao IX Encontro Nacional de Economia da Anpec, Olinda, Pe. 1981; Cunha, P. V. A organização dos mercados de trabalho: três conceitos alternativos. *Revista de Administração de Empresas*, 19(1): 20-46, jan./mar. 1979; Mazumdar, D. The urban informal sector. *World Bank Reprint Series*, Great Britain, 4(43), Aug. 1976; Souza, P. R. Salário e mão-de-obra excedente. *Estudos Cebrap 25*, São Paulo, s.d.; Schmitz, H. *Manufacturing in the Backyard*, London, Frances Pinter (Publishers), 1982; Tokman, V. Las relaciones entre los sectores formal e informal: una exploración sobre su naturaleza. *Revista de la Cepal*, p. 103-41, primer semestre 1978.

² CME/Pimes-Fidem. op. cit. p. 88-94.

³ Apenas para se ter uma idéia, é interessante notar que a média dos gastos semanais desses pequenos negócios representa apenas um quinto da média dos gastos semanais com matérias-primas, materiais e componentes – a preços de 1980 – das empresas de até cinco pessoas ocupadas e valor da produção inferior a 640 vezes o maior salário em 1975 da indústria de transformação do estado de Pernambuco, segundo estimativa a partir dos dados censitários daquele ano.

⁴ Como exemplos de vínculos mais fortes entre a microunidade produtiva e uma empresa do setor formal, podem ser destacados dois casos detectados nas entrevistas feitas. Um, o de uma fundição que fornece tampão de sarjeta para empresas construtoras que fazem obras urbanas de rua; o fato de ser um produto final de poucos requisitos técnicos ajuda a reforçar o que se vem afirmando acima. Outro caso é o de uma fabriqueta de móveis de vime que – fazendo parte de uma rede de 40 microunidades similares – fornece o móvel a uma empresa que, após envernizá-lo, faz a comercialização. Ambos os casos não dão, portanto, qualquer suporte para se supor fortes inter-relações na esfera produtiva propriamente dita.

⁵ CME/Pimes-Fidem. op. cit. p. 100.

⁶ Alguns autores exageram os limites desse papel ao argumentar que esta funcionalidade favorece o processo de acumulação e expansão do capital. Certamente, não cabe dúvidas que as microunidades informais operam sob condições de completa dependência ao grande capital. O bom-senso aconselha, no entanto, que não se deve atribuir importância àquele outro aspecto.

⁷ Embora não se tenha detectado a ocorrência de agiotagem no trabalho sobre a RMR, sua presença foi constatada em estudo sobre Salvador, numa proporção insignificante de microunidade do comércio, serviços e transportes. Cavalcanti, C. & Duarte, R. *O setor informal de Salvador*; dimensão, natureza, significação. Recife, Sudene/Fundaj, Brasília, M. T. 1980. Uma presença significativa de microempresários que recorrem a agiotas para financiar a atividade de suas microempresas foi revelada em pesquisa feita pela União Nordestina de Assistência a Pequenas Organizações (UNO): 5,5% do total pesquisado. A participação de microunidades que obtinham créditos junto aos bancos (66,4% do total) faz crer, não obstante, que o universo ali captado diverge em muitos aspectos daquele constituído das microunidades aqui examinadas e no estudo sobre Salvador. Ver UNO. *Características da microempresa e do microempresário da região metropolitana do Recife*. ago. 1979.

⁸ CME/Pimes-Fidem. op. cit. p. 134.

⁹ Ou ainda devido à menor ou maior integração dos países subdesenvolvidos ao processo de expansão de inovações técnicas, em particular, no mundo capitalista.

¹⁰ Em recente pesquisa sobre a indústria de confecções do Nordeste, observou-se que parte da produção vendida por essa indústria é produzida por terceiros: pequenas alfaiatarias, costureiras domiciliares, que trabalham geralmente acoplados às empresas industriais ou comerciais do setor. Ver BNB. *A indústria de confecções do Nordeste*. Fortaleza, 1978. p. 18-21; ver também Schmitz, H. *Factory and domestic employment in Bra-*

zil; a study of the hammock, industry and its implications for employment theory and policy. Brighton, Institute of Development Studies, University of Sussex, Nov. 1979; e Schmitz, H. & Camargo, L. *Indústria doméstica*; as malharias de Petrópolis. Brasília, Ipea/CNRH, jul. 1979 (versão preliminar).

¹¹ Um exemplo constatado foi o de um microempresário de artesanato industrial em couro que adquiriu de uma grande loja nacional prensas hidráulicas, sob essa modalidade de crédito. Isso, agora os casos mais óbvios de aquisição de eletrodomésticos, em particular por microunidades do comércio e serviços.

¹² Tokman, Victor. *Tecnología para el sector informal urbano*. OIT/Prealc, Documento Ocasional/19, ene. 1978. xerogr.

¹³ Bose, A. N. *The informal sector in the Calcutta metropolitan economy*. ILO, World Employment Research, Working Paper 5, Geneva, 1974. p. 1.1.

¹⁴ As entrevistas foram realizadas no período outubro-dezembro de 1980, sendo incluídas indagações a respeito de variação de preços dos produtos vendidos pela microunidade, nos últimos seis meses de referência (até a data da entrevista). Sendo pouco prático separar blocos de microempresas segundo mês de entrevista, para comparar com a inflação de um *correspondente* período de seis meses, optou-se por unificar a comparação entre a variação de preços praticados pelas microempresas de cada ramo nos seis meses de referência e a variação média do Índice Geral de Preços (Fundação Getúlio Vargas, coluna dois) num período semestral: 45%, a partir da taxa anual de 110%.

¹⁵ A natureza competitiva desses pequenos negócios é confirmada em interessante trabalho de Tokman ao observar que o poder de concorrência dos pequenos estabelecimentos de comércio e produtos alimentares face aos supermercados se deve a imperfeições nos mercados de produtos, de fatores e no mercado de trabalho. Tokman, V. *Las relaciones entre los sectores formal e informal*... op. cit.

¹⁶ Além destas, foram entrevistadas 118 e 78 microunidades de comércio e serviços, respectivamente. Ver CME/Pimes-Fidem, op. cit.

¹⁷ Cavalcanti, C. *Viabilidade do setor informal*; a demanda de pequenos serviços no Grande Recife. Minter-Sudene-DRE-DM; UNPS, 1978. (Série Estudos e Pesquisas.)

ERRATA

No artigo Desenvolvimento sócio-econômico brasileiro: questões para a década de 80, de Peter T. Knight, publicado na *RAE*, v. 22, n. 3, na p. 11, em vez de “cerca de 3,8 bilhões de bebês”, leia-se “cerca de 3,8 milhões de bebês”.